

Os governadores Álvaro Dias (Paraná), Orestes Quéricia (São Paulo) e Tasso Jereissati (Ceará) estão na mira de políticos ligados ao candidato Fernando Collor de Mello e empenhados em atraí-los para o seu esquema eleitoral. Embora alguns assessores mais próximos do ex-governador alagoano considerem pouco provável a adesão deles, parlamentares como o deputado federal Arnaldo Faria de Sá (PRN/SP) vêm defendendo enfaticamente uma tentativa de entendimento, sobretudo, com Quéricia.

Enquanto isso não ocorre, porém, outras alianças estão sendo viabilizadas. O senador Carlos Chiarelli (PFL/RS) — responsável, aliás, por uma composição acertada ontem com o grupo dissidente do PFL — garante que, amanhã, Collor receberá a adesão formal do ex-deputado do PDS gaúcho, Nelson Marchezan, cujo apoio está sendo buscado desde o primeiro turno.

Perfil — Muito preocupado em selecionar os seus aliados para evitar desgaste eleitoral, Collor já rejeitou o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e dos ministros do Governo José Sarney. Quéricia, Dias e Jereissati têm em comum o fato de se enquadrarem no perfil “social-democrata e moderno” que o PRN pretende imprimir à sua campanha, neste segundo round eleitoral.

No caso de Quéricia, conforme Faria de Sá, todas as portas estão abertas para uma composição, já que a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva representaria um sério abalo em suas pretensões de fazer o seu sucessor, além de implicar na ascensão do PT, o partido que faz a mais cerrada oposição à sua administração. Como as possibilidades de acordo com o PSDB, como desejava Collor, parecem esgotadas, fica fácil cumprir a única exigência feita por Quéricia para entrar na campanha: a garantia de que não estará ao lado dos tucanos.

Dificuldades — Faria de Sá garante que bastará um sinal verde de Collor para Quéricia (que já conversou algumas vezes a respeito com o deputado estadual do PRN, Néfi Tales) “collorir”. A assessoria direta de Collor, porém, não partilha de igual otimismo. De um

Álvaro, Quéricia e Tasso *na mira*

Os três governadores
estão sob forte
pressão. Collor
quer de toda forma
o apoio deles no
segundo turno. Razões
regionais facilitam
as negociações

lado, porque ainda alimenta alguma esperança de atrair tucanos desgarrados. De outro, porque questionam a performance do governador paulista no primeiro turno em favor de Ulysses Guimarães ou mesmo Leonel Brizola. Jereissati, que certamente não apoiará Lula, também é uma adesão difícil, por ter se sentido coagido por Collor a apoiá-lo antes de se decidir por Mário Covas. Com Dias, as chances de composição teriam aumentado diante da decisão do PSDB — e, portanto, do seu maior adversário regional, o senador José Richa — de ficar distante da campanha do “caçador de marajás”.

